

Relatórios ESG e Regeneração Sistêmica: Uma análise das empresas da Serra Gaúcha à luz da Economia Donut e do *Deep Design*

Viviana Vettorazzi¹

Orientadora: Profa. Dra. Andressa Schaurich dos Santos²

RESUMO

A ampliação do uso de relatórios ESG como instrumento de transparência corporativa tem evidenciado a necessidade de avaliar se esses documentos refletem, de fato, uma transição para modelos de sustentabilidade regenerativa. Este estudo teve como objetivo analisar os relatórios ESG publicados em 2025 (referentes ao exercício de 2024) por empresas com relevância econômica na Serra Gaúcha, à luz dos pilares da Economia Donut e do *Deep Design*. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza aplicada, estruturada como estudo de caso múltiplo e baseada em análise documental. A interpretação das evidências seguiu a técnica de análise documental e temática, e utilizou uma matriz que integrou fundamentos sociais, limites planetários, custos ecossistêmicos e cinco dimensões organizacionais propostas pelo Doughnut Design for Business. Os resultados indicaram maior consolidação das práticas relacionadas aos fundamentos sociais e à governança, enquanto os limites planetários e as finanças sustentáveis apresentam desenvolvimento incipiente. Observou-se que as empresas estão passando de práticas voltadas apenas à mitigação de impactos para ações iniciais de caráter regenerativo, ainda em estágio parcial. Conclui-se que, embora existam avanços relevantes, permanecem lacunas na integração sistêmica entre impactos socioambientais, estruturas organizacionais e mecanismos financeiros. Sugere-se a ampliação de estudos empíricos e comparativos que aprofundem a avaliação da maturidade regenerativa nas práticas corporativas e auxiliem na evolução de métricas e modelos aplicados ao contexto empresarial brasileiro.

Palavras-chave: Economia Donut; Relatórios ESG; *Deep Design*; Sustentabilidade regenerativa.

1. INTRODUÇÃO

A crescente adoção de práticas sustentáveis no meio empresarial tem impulsionado a produção de relatórios ESG (*Environmental, Social and Governance*) como instrumentos de transparência e responsabilidade corporativa. Esses documentos buscam evidenciar compromissos socioambientais e atender às expectativas de investidores, consumidores e reguladores. No entanto, a simples publicação desses relatórios não garante que as empresas estejam efetivamente comprometidas com uma transformação sistêmica em direção à sustentabilidade

¹ Trabalho de conclusão de curso no formato de artigo apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Inovação e Gestão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Farroupilha. 2025.

² Sob a orientação de Andressa Schaurich dos Santos, Doutora em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS, Brasil).

regenerativa. Em muitos casos, o *ESG* permanece restrito a indicadores convencionais, sem considerar de forma crítica os limites planetários e os fundamentos sociais necessários para assegurar prosperidade coletiva. Estudos recentes indicam que a maior parte dos relatórios corporativos ainda prioriza métricas de desempenho financeiro e práticas de governança, deixando em segundo plano os impactos socioambientais e as interdependências sistêmicas que deveriam orientar a sustentabilidade regenerativa (MUSTAFFA et al., 2023; FERREIRA-SCHENK; DASOO, 2024).

Nesse cenário, emergem abordagens teóricas que ampliam o olhar sobre a sustentabilidade. A Economia Donut, proposta por Kate Raworth (2017), sugere que o desenvolvimento humano deve ocorrer em um espaço seguro e justo, delimitado por duas fronteiras: os fundamentos sociais mínimos para uma vida digna e os limites planetários que não devem ser ultrapassados para garantir a estabilidade ecológica. Complementarmente, o *Doughnut Economics Action Lab* (DEAL) desenvolveu o *Deep Design*, que traduz esses princípios em cinco dimensões organizacionais: propósito, redes, governança, propriedade e finanças, oferecendo um guia prático para empresas que desejam alinhar suas estruturas internas à regeneração sistêmica.

Ao trazer esse debate para a realidade brasileira, a Serra Gaúcha se apresenta como um território relevante. A região possui uma forte base industrial, com destaque para setores como metal-mecânico, alimentos e bebidas, moda e bens de consumo, desempenhando papel central na economia do Rio Grande do Sul. Apesar da crescente adesão ao discurso sustentável, ainda são escassas as análises que investigam se as práticas relatadas pelas empresas locais estão efetivamente alinhadas a modelos regenerativos e distributivos. A lacuna entre o relato formal nos documentos *ESG* e a real internalização de custos ecossistêmicos e transformação organizacional revela a necessidade de uma investigação crítica e aprofundada.

Diante desse contexto, este artigo busca responder à seguinte pergunta de pesquisa: Os relatórios *ESG* de empresas relevantes economicamente na Serra Gaúcha demonstram conexão com os pilares da Economia Donut, evidenciando a geração efetiva de prosperidade sistêmica segundo os cinco pilares do *Deep Design*? O objetivo geral consiste em analisar os relatórios *ESG* publicados em 2025 (referentes ao exercício de 2024) por empresas com relevância econômica na Serra Gaúcha, à luz dos pilares da Economia Donut e do *Deep Design*. Para isso, foram definidos três objetivos específicos: i) verificar o reconhecimento dos custos

ecossistêmicos associados às operações das empresas analisadas; ii) identificar lacunas e boas práticas considerando os fundamentos sociais e os limites planetários; e iii) avaliar em que medida os relatórios contribuem para uma prosperidade sistêmica local a partir das dimensões do *Deep Design*, considerando sua aderência a princípios de sustentabilidade regenerativa.

A relevância deste estudo está em aprofundar a análise de relatórios *ESG*, superando leituras superficiais baseadas apenas em indicadores tradicionais. Pesquisas recentes destacam que a transição para modelos regenerativos requer a internalização dos custos ecossistêmicos e a redefinição das estruturas organizacionais (SANTOS; LIMA, 2021; SAHAN et al., 2022). Ao aplicar frameworks contemporâneos como a Economia Donut e o *Deep Design*, ainda pouco explorados em pesquisas brasileiras, este artigo contribui para preencher lacunas teóricas e práticas, além de oferecer subsídios para a evolução das estratégias empresariais voltadas à sustentabilidade.

Do ponto de vista teórico, o estudo busca ampliar a compreensão sobre a aplicabilidade dos modelos de desenvolvimento regenerativo no contexto empresarial, propondo uma articulação entre os fundamentos da Economia Donut e as dimensões do *Deep Design* como instrumentos de análise de práticas corporativas. Espera-se, assim, contribuir para o avanço da literatura sobre sustentabilidade regenerativa e inovação organizacional, oferecendo uma base conceitual que pode apoiar futuras pesquisas empíricas e comparativas em diferentes setores e regiões.

No campo prático, o artigo pretende fornecer evidências que auxiliem empresas e gestores a reorientar suas estratégias de sustentabilidade, incorporando a perspectiva sistêmica proposta pela Economia Donut. A partir da análise dos relatórios *ESG*, o estudo busca identificar boas práticas e lacunas que possam orientar decisões empresariais mais alinhadas à regeneração socioambiental e à prosperidade local, fortalecendo o papel das organizações da Serra Gaúcha como agentes de transformação sustentável.

A relevância da pesquisa se intensifica no contexto das discussões climáticas globais, especialmente com a realização da *COP30* no Brasil em 2025, que reforça o papel das empresas na transição para modelos de baixo carbono e na adoção de métricas alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Esse cenário evidencia a necessidade de análises mais críticas sobre a profundidade dos

relatórios ESG e sua coerência com compromissos climáticos internacionais (UNFCCC, 2024).

O trabalho está estruturado em quatro seções principais, além desta introdução. A fundamentação teórica apresenta os conceitos centrais da Economia Donut, dos custos ecossistêmicos e do *Deep Design*, fornecendo a base conceitual para a análise. O método descreve o delineamento da pesquisa, os critérios de seleção das empresas e a matriz documental utilizada. Os resultados e discussão organizam os achados a partir dos objetivos específicos e, por fim, as considerações finais sintetizam as conclusões, destacam limitações e sugerem caminhos para futuras pesquisas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Esse item apresenta os fundamentos conceituais que orientam a análise do estudo, articulando três eixos principais: a Economia Donut, os custos ecossistêmicos e os estágios de desenvolvimento empresarial, e os modelos regenerativos associados ao *Deep Design*. A seção estabelece o arcabouço teórico que sustenta a investigação, discutindo como o modelo de Raworth redefine os limites do desenvolvimento empresarial ao integrar fundamentos sociais e limites planetários; como a economia ecológica evidencia a necessidade de reconhecer e internalizar custos ambientais nas estratégias corporativas; e como o Doughnut Design for Business propõe transformações estruturais em propósito, governança, redes, propriedade e finanças. Ao reunir essas abordagens, o referencial constrói uma base analítica robusta para avaliar o alinhamento das organizações com práticas sustentáveis e regenerativas, situando a pesquisa dentro de debates contemporâneos sobre sustentabilidade empresarial.

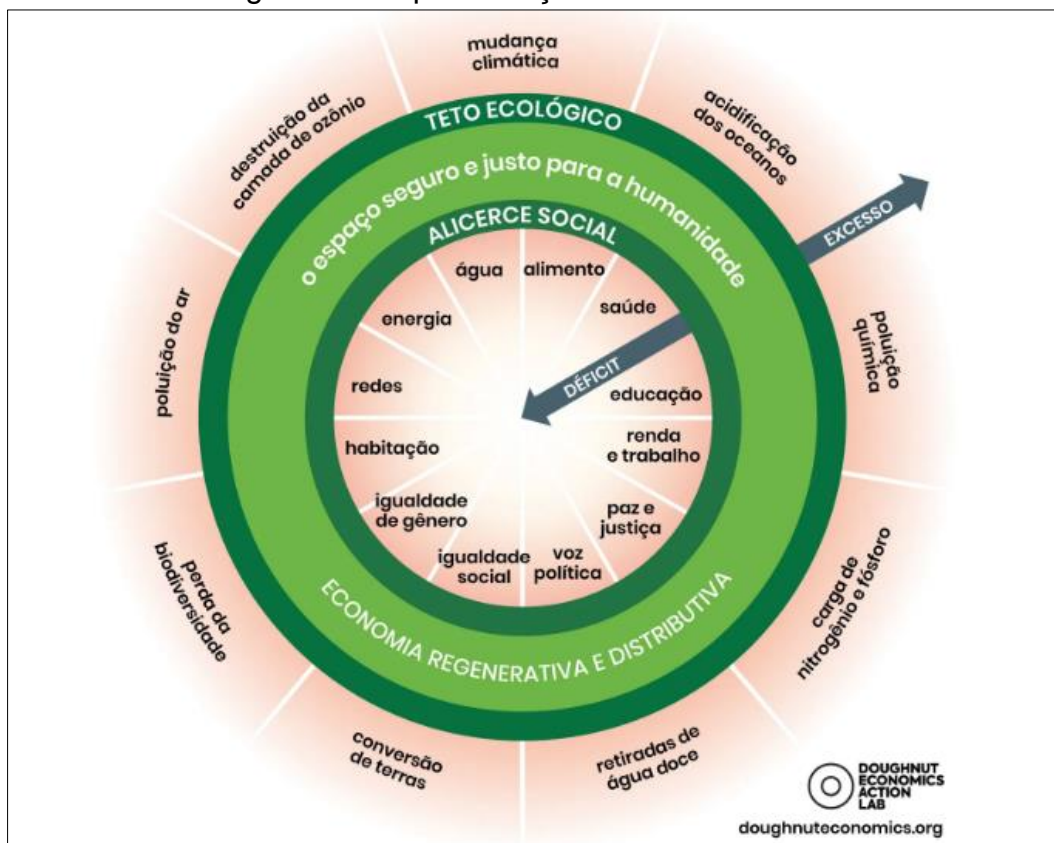
2.1 ECONOMIA DONUT E SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL

A Economia Donut (ou Economia Rosquinha) foi proposta por Kate Raworth como alternativa ao paradigma do crescimento econômico linear e ilimitado, centrado no Produto Interno Bruto (PIB). O modelo parte da premissa de que a atividade humana deve ocorrer em um espaço que assegure os fundamentos sociais mínimos, ao mesmo tempo em que respeite os limites biofísicos do planeta, conhecidos como limites planetários (RAWORTH, 2017).

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), definidos pela Organização das Nações Unidas em 2015, orientam a busca por equilíbrio entre progresso social, prosperidade econômica e preservação ambiental. Raworth (2017) reconhece os ODS como referência para a formulação da Economia Donut, ao propor um modelo que integra uma base social, correspondente às necessidades humanas essenciais, e um teto ecológico representado pelos limites planetários definidos por Rockström et al. (2009). Dessa forma, o modelo do Donut traduz, em termos analíticos, o propósito dos ODS de promover um desenvolvimento humano dentro de um espaço seguro e justo para a humanidade.

Os fundamentos sociais abrangem dimensões como saúde, educação, renda, habitação e participação política, enquanto os limites planetários incluem fatores como mudanças climáticas, perda de biodiversidade, poluição química, acidificação dos oceanos e uso do solo (ROCKSTRÖM et al., 2009). O objetivo analítico do modelo é situar o desenvolvimento humano dentro de um “espaço seguro e justo”, no qual sejam evitados tanto os déficits sociais quanto as ultrapassagens ecológicas, conforme apresenta-se na Figura 1.

Figura 1 – Representação da Economia Donut



Fonte: Adaptado de Raworth (2017) e DEAL (2022).

A tradução do modelo para a prática demanda a operacionalização de indicadores contextuais e a criação de processos deliberativos capazes de negociar metas socioambientais. O Doughnut Economics Action Lab (DEAL) desenvolveu ferramentas para aplicar os princípios do Donut em escalas locais e organizacionais, ressaltando que essa transição exige transformações estruturais no propósito das organizações, nas redes de cooperação, na governança inclusiva, nos modelos de propriedade e nas estruturas financeiras voltadas ao impacto socioambiental (DEAL, 2022). Experiências internacionais em cidades e regiões indicam que o enfoque Donut pode orientar políticas integradas, desde que acompanhado por arranjos institucionais robustos e métricas adaptadas ao contexto (HÖHNE; ELLIOTT, 2023; SANTOS; LIMA, 2021).

No campo empresarial, a Economia Donut propõe deslocar a avaliação de desempenho além das métricas financeiras tradicionais e dos requisitos de conformidade, sugerindo uma abordagem que combine os 12 fundamentos sociais com os 8 limites planetários. Isso implica repensar o papel da empresa, não como entidade isolada voltada exclusivamente ao crescimento do valor acionário, mas como ator econômico incorporado a sistemas sociais e ecológicos interdependentes. Tal perspectiva afeta diretamente a definição de indicadores, os processos de transparência corporativa e a elaboração de estratégias que integrem capital natural, capital social e regeneração sistêmica (RAWORTH, 2017; DONUT BRASIL, 2025).

2.2 CUSTOS ECOSSISTÊMICOS E ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL

A economia ecológica reforça a compreensão de que a economia é um subsistema do ecossistema global e, portanto, limitada por sua capacidade de suporte (ROMEIRO, 2012; DALY, 2011). Essa visão contrasta com a economia ambiental neoclássica, que trata impactos ambientais como falhas de mercado passíveis de correção por meio de mecanismos de precificação.

Para a economia ecológica, muitos danos, como a perda de biodiversidade e a alteração climática, são irreversíveis e não podem ser totalmente compensados. Nesse sentido, os custos ecossistêmicos referem-se a externalidades negativas como emissões de gases de efeito estufa, degradação do solo, escassez hídrica, resíduos e poluição (ROMEIRO, 2012).

A ausência de seu reconhecimento compromete a transparência dos relatórios de sustentabilidade e limita a efetividade de estratégias corporativas de mitigação. Daly (2011) argumenta ainda que atividades econômicas que geram mais impactos do que benefícios sociais constituem exemplos de “crescimento antieconômico”, no qual o desenvolvimento deixa de promover prosperidade para se tornar prejudicial à sociedade.

Para avaliar o nível de maturidade empresarial em relação à sustentabilidade, Raworth (2017) descreve cinco estágios de desenvolvimento: não fazer nada; fazer o que compensa; fazer a parte que nos cabe; não provocar danos; ser generoso e regenerativo. Esses estágios mostram a trajetória de empresas que partem da ausência de ação até alcançarem práticas que não apenas evitam impactos negativos, mas geram benefícios líquidos para a sociedade e para o meio ambiente. A articulação desses estágios com os princípios da Economia Donut possibilita compreender como diferentes organizações evoluem em direção a modelos regenerativos. Assim, a análise de relatórios *ESG* deve considerar não apenas o atendimento a normas regulatórias, mas também a internalização dos custos ecossistêmicos e a ambição de alcançar patamares regenerativos.

2.3 MODELOS REGENERATIVOS E O *DEEP DESIGN*

A operacionalização da Economia Donut em empresas foi aprofundada pelo Doughnut Economics Action Lab (DEAL), que desenvolveu o Doughnut Design for Business. O modelo identifica cinco dimensões descritas no Quadro 1.

Quadro 1 – Cinco dimensões de transformação organizacional

Propósito	Incorporar objetivos sociais e ambientais à missão central da organização, superando a lógica exclusiva de maximização do lucro.
Redes	Estabelecer relações colaborativas e justas com clientes, fornecedores, trabalhadores, comunidades e parceiros institucionais.
Governança	Ampliar os processos decisórios, equilibrando os interesses de múltiplos <i>stakeholders</i> e evitando que acionistas sejam o único foco.
Propriedade	Adotar modelos de controle que favoreçam compromissos de longo prazo, como cooperativas ou <i>steward ownership</i> .
Finanças	Direcionar fluxos de recursos e investimentos de modo a equilibrar retorno econômico e impacto socioambiental.

Fonte: Elaborado pela autora, baseado no Doughnut Design for Business (DEAL, 2022).

Essas dimensões ampliam a análise tradicional de relatórios *ESG*, que tende a priorizar indicadores de desempenho, propondo uma transformação mais profunda na lógica empresarial. A integração entre estágios de desenvolvimento organizacional (RAWORTH, 2017) e as cinco dimensões do *Deep Design* (DEAL, 2022) sugere que empresas só atingem níveis regenerativos quando alinham suas estruturas internas à lógica da prosperidade sistêmica.

3. MÉTODO

A pesquisa caracteriza-se como uma análise documental, de natureza aplicada, com objetivos descritivos e abordagem qualitativa. Quanto aos procedimentos técnicos, classifica-se como pesquisa documental, por basear-se na análise sistemática de relatórios *ESG*, publicações institucionais e documentos corporativos das empresas selecionadas. O delineamento adotado permitiu a análise comparativa de práticas de sustentabilidade a partir do conteúdo divulgado publicamente, possibilitando a identificação de padrões, recorrências e lacunas na incorporação dos princípios da Economia Donut e das dimensões do *Deep Design* nos relatórios analisados.

O campo empírico abrangeu seis organizações de importância econômica para a Serra Gaúcha: Randoncorp, Frasle Mobility, Grano Alimentos, Vinícola Salton, Tramontina e Unimed Serra Gaúcha. A seleção foi de caráter intencional e fundamentada na escolha da pesquisadora, considerando os seguintes critérios:

- a) localização na região da Serra Gaúcha, reconhecida por sua representatividade econômica e diversidade setorial;
- b) disponibilidade pública de relatórios *ESG* ou de sustentabilidade publicados em 2025, referentes ao desempenho do exercício de 2024;
- c) diversidade de segmentos, abrangendo os setores metalmeccânico, alimentos e bebidas, saúde, utilidades domésticas e vinicultura, de modo a permitir uma análise comparativa entre diferentes contextos produtivos; e
- d) relevância econômica e institucional, evidenciada pelo porte organizacional, tempo de atuação consolidado e reconhecimento público de práticas de sustentabilidade e governança.

O ano-base de 2024 foi escolhido por corresponder ao período mais recente com relatórios completos e consolidados disponíveis no momento da pesquisa. A delimitação a essas seis empresas buscou equilibrar abrangência e profundidade

analítica, representando distintos perfis empresariais de destaque regional e com estrutura de governança consolidada.

As fontes de dados compreenderam documentos públicos, especialmente relatórios *ESG* e de sustentabilidade divulgados nos sites institucionais das empresas, complementados por materiais incorporados nesses documentos, como políticas de sustentabilidade, responsabilidade social e governança corporativa. A opção por restringir-se a dados documentais teve como propósito assegurar a replicabilidade do método e a transparência do processo analítico, possibilitando que outros pesquisadores apliquem o mesmo procedimento em documentos equivalentes e em outros contextos organizacionais ou regionais. O conjunto de documentos analisados encontra-se sistematizado no Quadro 2.

Quadro 2 – Documentos analisados na pesquisa

Empresa	Documento	Ano	Fonte
Randoncorp	Relatório <i>ESG</i>	2024	https://www.randoncorp.com/media/3163/rs_2024_randon_vfinal_3-2.pdf .
Frasle Mobility	Relatório <i>ESG</i>	2024	https://www.fraslemobility.com/storage/rs-2024-frasle-vfinal-2-1-c79c7c68.pdf .
Grano Alimentos	Relatório de Sustentabilidade	2024	https://grano.com.br/sustentabilidade/ .
Vinícola Salton	Relatório de Sustentabilidade	2024	https://www.salton.com.br/downloads/relatorio-de-sustentabilidade-2024.pdf .
Tramontina	Relatório <i>ESG</i>	2024	https://s3.amazonaws.com/prd-assets-portal.tramontina.com/Relatorio_de_Sustentabilidade_2024_a89367f77d.pdf .
Unimed Serra Gaúcha	Relatório de Sustentabilidade	2024	https://www.unimedserregaucha.com.br/pagina/relatorio-de-sustentabilidade .

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A análise dos documentos foi conduzida por meio de análise documental, conforme Cellard (2008), e análise temática, segundo Braun e Clarke (2006). Essa combinação metodológica permitiu examinar o conteúdo dos relatórios de forma sistemática, identificar temas recorrentes, evidências relevantes e ausências significativas, bem como interpretar os dados à luz do referencial teórico adotado. A pesquisa seguiu três etapas analíticas: levantamento e sistematização dos documentos; mapeamento das evidências conforme as dimensões da matriz analítica; síntese interpretativa comparativa entre as empresas analisadas.

Para operacionalizar a análise, foi elaborada uma matriz documental que integra fundamentos sociais e limites planetários da Economia Donut, custos ecossistêmicos e as cinco dimensões do *Deep Design*. Essa matriz sistematiza os indicadores e as evidências a serem buscadas nos documentos, orientando a leitura analítica dos relatórios. A síntese da matriz encontra-se apresentada no Quadro 3.

Quadro 3 – Matriz de análise documental

Bloco de Análise	Dimensão / Indicador	Descrição de Evidências a Serem Buscadas
Economia Donut	Fundamentos sociais (12)	Referências a saúde, educação, igualdade de gênero, renda, habitação, energia, água, voz política, entre outros aspectos sociais.
	Limites planetários (8)	Evidências relacionadas a mudanças climáticas, perda de biodiversidade, poluição química, acidificação oceânica, uso da água, ciclos de nitrogênio e fósforo, mudanças no uso da terra e camada de ozônio.
Custos Ecossistêmicos	Emissões e energia	Indicadores de emissões de GEE, eficiência energética e transição para energias renováveis.
	Recursos naturais	Uso de solo, água e matérias-primas; estratégias de redução, reutilização ou compensação.
	Resíduos e poluição	Dados sobre gestão de resíduos, poluição do ar, da água e do solo.
<i>Deep Design</i>	Propósito	Declaração de propósito empresarial vinculada a impactos sociais e ambientais positivos.
	Redes	Relação com fornecedores, clientes e parceiros em termos de colaboração, justiça social e impactos ambientais.
	Governança	Estrutura de tomada de decisão, transparência, inclusão de <i>stakeholders</i> e <i>accountability</i> .
	Propriedade	Modelos de propriedade (tradicional, cooperativo) e expectativas vinculadas.
	Finanças	Políticas de distribuição de dividendos, reinvestimento, financiamento sustentável e alinhamento de capitais com impacto socioambiental.

Fonte: Elaborado pela autora (2025), a partir de Raworth (2017), DEAL (2022).

A matriz analítica proposta constitui um instrumento replicável e inovador para estudos que buscam avaliar relatórios *ESG* sob a ótica da sustentabilidade regenerativa, ao integrar fundamentos sociais, limites planetários, custos ecossistêmicos e dimensões organizacionais de forma sistematizada. Esse instrumento permitiu o registro estruturado das informações extraídas dos documentos, facilitando a comparação entre as empresas e a identificação de

padrões, boas práticas e lacunas. A aplicação da matriz ocorreu de forma qualitativa e interpretativa, sem atribuição de escores, privilegiando a identificação de evidências e a análise comparativa entre as organizações.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise documental dos relatórios de sustentabilidade de Randoncorp, Frasle Mobility, Grano Alimentos, Vinícola Salton, Tramontina e Unimed Serra Gaúcha, referentes ao exercício de 2024 e publicados em 2025, foi orientada por uma matriz analítica elaborada a partir dos referenciais da Economia Donut (RAWORTH, 2017; DEAL, 2022), dos custos ecossistêmicos (ROMEIRO, 2012; DALY, 2011) e das cinco dimensões do *Deep Design* (DEAL, 2022; SAHAN et al., 2022). A interpretação das evidências baseou-se na análise documental (CELLARD, 2008), complementada por análise temática (BRAUN; CLARKE, 2006), permitindo identificar padrões, recorrências e lacunas na incorporação de princípios regenerativos e distributivos nos relatórios *ESG* analisados.

Cabe destacar que nem todas as empresas apresentam evidências para todos os indicadores da matriz analítica, o que integra o próprio resultado da investigação. A ausência de informações também constitui evidência relevante, pois revela o grau de maturidade e transparência das práticas de sustentabilidade adotadas.

4.1 ECONOMIA DONUT

Esse tópico apresenta a aplicação do modelo proposto por Raworth (2017) na análise das práticas socioambientais das empresas estudadas, estruturando a discussão a partir de seus dois componentes centrais: o fundamento social e limites planetários. Ao apresentar esse diagnóstico, o item evidencia o grau de aderência das empresas ao arcabouço da Economia Donut, destacando avanços, lacunas e assimetrias entre o compromisso social e ecológico, permitindo avaliar em que medida essas práticas se aproximam da visão de desenvolvimento regenerativo e distributivo.

4.1.1 Fundamentos sociais

Nos termos de Raworth (2017), o fundamento social corresponde ao conjunto de necessidades humanas essenciais para uma vida digna, incluindo saúde, educação, igualdade de gênero, renda, habitação, energia, água e voz política. As

seis empresas analisadas apresentaram ações voltadas a pelo menos parte dessas dimensões.

A Unimed Serra Gaúcha, organização cooperativa, apresentou maior aderência ao pilar do bem-estar, destacando-se pela promoção da saúde integral, programas de inclusão, valorização profissional e educação preventiva. A Vinícola Salton e a Grano Alimentos demonstraram ações associadas à segurança alimentar, diversidade e fortalecimento de comunidades locais, relacionando suas práticas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030. As empresas industriais Randoncorp, Frasle Mobility e Tramontina enfatizaram a capacitação de colaboradores, segurança ocupacional e equidade de gênero, abordando dimensões centrais do trabalho digno.

No conjunto, as evidências mostram que o componente social dos relatórios ESG concentra-se em temas relacionados a saúde, educação e trabalho, com menor desenvolvimento em aspectos como habitação, renda justa e participação política. Esses resultados confirmam a observação de Santos e Lima (2021) e do Doughnut Economics Action Lab (2022), segundo a qual a aplicação empresarial da Economia Donut tende a priorizar dimensões internas do bem-estar, ainda distantes da integralidade proposta por Raworth (2017).

4.1.2 Limites planetários

Os limites planetários definidos por Rockström et al. (2009) e incorporados ao modelo de Raworth (2017) como teto ecológico foram tratados de modo desigual entre as empresas. A Randoncorp apresentou inventário de emissões de gases de efeito estufa (GEE) nos Escopos 1, 2 e 3, metas de redução de 40% até 2030 e adesão à *Science Based Targets initiative (SBTi)*.

A Tramontina registrou consumo de energia proveniente de fontes renováveis, controle de emissões atmosféricas (NO_x, SO_x e material particulado) e ações de eficiência logística. A Vinícola Salton indicou 100% de uso de energia elétrica renovável, redução de 11% no consumo hídrico e reaproveitamento de 99,94% dos resíduos sólidos.

As empresas Frasle Mobility e Grano Alimentos apresentaram descrições gerais sobre o uso racional de recursos naturais e energia, mas sem indicadores detalhados. Já a Unimed Serra Gaúcha abordou o tema no eixo “saúde ambiental”, sem apresentar métricas quantitativas.

Observa-se que nenhum dos relatórios analisados contempla de forma consistente todos os oito limites planetários definidos por Rockström et al. (2009). As lacunas mais recorrentes referem-se à perda de biodiversidade, poluição química, ciclos de nitrogênio e fósforo, acidificação oceânica e camada de ozônio, que praticamente não aparecem nas narrativas corporativas.

De forma geral, as práticas ambientais analisadas indicam alinhamento com a mitigação de emissões e o uso eficiente de recursos, mas ainda carecem de avanços em temas como perda de biodiversidade, poluição química e mudanças no uso da terra, conforme observado por Höhne e Elliott (2023).

4.2 CUSTOS ECOSSISTÊMICOS

Esse item apresenta a análise das práticas empresariais relacionadas aos impactos ambientais diretos das operações, examinando-as a partir de três dimensões centrais: emissões e energia, uso de recursos naturais e gestão de resíduos e poluição. Dessa forma, o tópico oferece um panorama crítico sobre a capacidade das empresas de reconhecer e internalizar seus custos ecossistêmicos, destacando avanços, limites e incoerências à luz da literatura ambiental contemporânea.

4.2.1 Emissões e energia

As evidências indicam convergência entre as empresas industriais quanto à medição de emissões e à eficiência energética. A Randoncorp mantém inventário anual de GEE e metas formalizadas; a Frasle Mobility segue diretrizes alinhadas ao grupo; a Tramontina amplia o uso de fontes renováveis e reporta a intensidade de emissões; e a Salton neutralizou integralmente seu escopo 2. A Grano Alimentos e a Unimed Serra Gaúcha desenvolvem ações de eficiência operacional, mas não apresentam inventários de emissões. Esse conjunto de evidências confirma o estágio de transição descrito por Sahan et al. (2022), no qual as empresas passam da mitigação de impactos para estratégias parciais de regeneração.

4.2.2 Recursos Naturais

A Vinícola Salton apresentou avanços significativos em viticultura sustentável e gestão hídrica. A Grano Alimentos destacou a redução de perdas agrícolas e o uso racional do solo. A Tramontina relatou o uso de madeira certificada e a reciclagem interna de metais e plásticos. A Randoncorp informou a otimização do consumo de

matérias-primas metálicas. Essas práticas demonstram atenção crescente ao uso de recursos naturais, mas ainda não contemplam integralmente os ciclos biogeoquímicos e a biodiversidade, essenciais ao equilíbrio ecológico (ROMEIRO, 2012).

4.2.3 Resíduos e poluição

Entre as empresas analisadas, a Vinícola Salton apresentou o melhor desempenho, com 99,94% de reaproveitamento de resíduos e logística reversa de embalagens. A Tramontina e a Randoncorp mantêm certificações ISO 14001 e monitoramento de emissões atmosféricas. A Frasle Mobility reduziu o volume de resíduos enviados a aterros. A Grano Alimentos reaproveita subprodutos orgânicos, enquanto a Unimed Serra Gaúcha trata a gestão de resíduos no eixo “saúde ambiental”, ainda de forma descritiva. Esses resultados indicam predominância de ações mitigadoras, o que dialoga com a crítica de Daly (2011) sobre a persistência da lógica de compensação ambiental.

4.3 DEEP DESIGN

De acordo com o DEAL (2022), o *Deep Design* propõe a reconfiguração dos sistemas empresariais a partir de cinco dimensões: propósito, redes, governança, propriedade e finanças. Essa abordagem permite avaliar se as organizações avançam em direção a modelos econômicos regenerativos e distributivos (SAHAN et al., 2022).

4.3.1 Propósito

Todas as empresas analisadas declaram propósitos vinculados a impacto social e ambiental. A Unimed prioriza saúde e qualidade de vida; a Salton enfatiza produção responsável e legado familiar; a Tramontina reforça o compromisso com “fazer correto”; a Randoncorp e a Frasle destacam mobilidade segura e sustentável; e a Grano afirma contribuir com alimentação saudável. Apenas a Randoncorp associa o propósito empresarial a metas mensuráveis de desempenho ambiental.

4.3.2 Redes

As seis organizações evidenciam práticas de construção de redes colaborativas. A Unimed Serra Gaúcha opera com base no princípio da intercooperação. A Salton e a Grano Alimentos mantêm parcerias com produtores locais e fornecedores agrícolas. Já as empresas industriais demonstram engajamento

com comunidades e fornecedores em programas de desenvolvimento sustentável. Essas práticas correspondem à visão de Raworth (2017), que destaca a importância das relações cooperativas para o funcionamento de sistemas econômicos sustentáveis.

4.3.3 Governança

A Randoncorp apresenta estrutura consolidada, com Comitê *ESG* vinculado ao Conselho de Administração e Política de Sustentabilidade aprovada em instância máxima. A Tramontina adota modelo descentralizado, com comitês temáticos. A Salton e a Unimed Serra Gaúcha implementam programas de *compliance* e canais de ética. A Frasle Mobility e a Grano Alimentos reportam práticas alinhadas às diretrizes da Global Reporting Initiative (GRI). Essas evidências mostram avanço na institucionalização da sustentabilidade, em linha com Mustafa et al. (2023).

4.3.4 Propriedade

As formas de propriedade analisadas diferem entre as empresas: a Unimed Serra Gaúcha é uma cooperativa médica; a Salton e a Tramontina são empresas familiares de capital fechado; a Randoncorp e a Frasle Mobility são companhias de capital aberto; e a Grano Alimentos possui capital privado regional. Essa diversidade revela diferentes lógicas de distribuição de valor e participação social (SAHAN et al., 2022).

4.3.5 Finanças

A Randoncorp foi a única organização a apresentar instrumento financeiro sustentável, com o *Sustainability-Linked Bond (SLB)* emitido em parceria com a International Finance Corporation (IFC) e atrelado a metas de redução de emissões. As demais empresas reportam reinvestimentos internos e melhorias de eficiência, mas não apresentam mecanismos formais de financiamento sustentável.

A Unimed Serra Gaúcha destaca a sustentabilidade econômico-financeira do modelo cooperativo, com redistribuição de resultados entre cooperados. Esses achados confirmam a observação de Ferreira-Schenk e Dasoo (2024) sobre a incipiência da integração entre finanças e sustentabilidade no ambiente empresarial.

4.4 SÍNTESE INTERPRETATIVA

A comparação entre os seis casos analisados indica que as empresas da Serra Gaúcha encontram-se em fase de transição de práticas mitigatórias para modelos parciais de regeneração. Os fundamentos sociais e a governança representam as dimensões mais consolidadas, enquanto os limites planetários e a dimensão financeira permanecem menos desenvolvidos.

Em linha com Raworth (2017), observa-se que as organizações buscam operar dentro do “espaço seguro e justo”, equilibrando prosperidade humana e limites planetários. Contudo, a maior parte das ações ainda se concentra na compensação de impactos, e não na regeneração dos sistemas socioecológicos.

A adoção de métricas baseadas na ciência, a integração dos ODS e o alinhamento dos fluxos financeiros a resultados socioambientais constituem passos importantes para o avanço no paradigma regenerativo. No Quadro 4 apresenta-se a síntese comparativa das dimensões analisadas.

Quadro 4 – Síntese comparativa das dimensões analisadas

Bloco / Dimensão	Randoncorp	Frasle Mobility	Grano Alimentos	Vinícola Salton	Tramontina	Unimed Serra Gaúcha	Síntese comparativa
Economia Donut – Fundamentos sociais	Segurança e educação técnica	Equidade e qualificação	Segurança alimentar e renda rural	Diversidade e consumo responsável	Desenvolvimento humano	Saúde e inclusão social	Ênfase em pilares de bem-estar e trabalho digno
Economia Donut – Limites planetários	Escopos 1–3 e metas SBTi	Eficiência energética	Gestão hídrica e agrícola	Energia renovável e 99,94% de reciclagem	Monitoramento de emissões	Saúde ambiental (qualitativa)	Parcial integração dos limites planetários
Custos Ecosistêmicos – Emissões e energia	Inventário e fontes limpas	Metas de descarbonização	Eficiência energética	Escopo 2 neutralizado	Energia renovável	Ações pontuais	Convergência industrial na descarbonização
Custos Ecosistêmicos – Recursos naturais	Otimização de insumos	Uso eficiente de materiais	Manejo de solo	Viticultura sustentável	Reciclagem interna	Consumo racional	Gestão parcial dos recursos naturais
Custos Ecosistêmicos – Resíduos e poluição	Redução de aterros	Gestão de resíduos	Reaproveitamento de subprodutos	Logística reversa	ISO 14001	Gestão qualitativa	Predomínio de ações mitigadoras
Deep Design – Propósito	Mobilidade sustentável	Inovação segura	Alimentação saudável	Produção responsável	Fazer correto	Saúde e bem-estar	Propósitos declarados, poucas métricas de acompanhamento
Deep Design – Redes	Engajamento comunitário	Parcerias setoriais	Produtores locais	Cadeia regional	<i>Stakeholders</i> ativos	Intercooperação	Redes colaborativas em consolidação
Deep Design – Governança	Comitê ESG e política institucional	Política GRI e <i>compliance</i>	Políticas de integridade	Código de conduta e LGPD	Comitês temáticos	Governança cooperativa	Estruturas formais consolidadas
Deep Design – Propriedade	Capital aberto	Capital aberto (grupo Randon)	Empresa privada regional	Empresa familiar	Empresa familiar	Cooperativa	Diversidade institucional
Deep Design – Finanças	SLB com IFC	Estratégia do grupo	Reinvestimento interno	Eficiência e inovação	Reinvestimento	Distribuição cooperada	Finanças sustentáveis ainda incipientes

Fonte: Elaborado pela própria autora (2025), com base nos relatórios de sustentabilidade analisados.

O Quadro 4 evidencia diferenças relevantes entre as empresas e entre as dimensões analisadas. Os avanços concentram-se principalmente em governança e fundamentos sociais, dimensões já consolidadas na agenda *ESG*. Em contraste, limites planetários, recursos naturais e finanças orientadas a impacto apresentam menor nível de desenvolvimento e sistematização. Observa-se que práticas mais estruturadas estão associadas a organizações com maior capacidade técnica e pressão regulatória, enquanto outras permanecem restritas a ações pontuais e de caráter mitigador. Esses resultados indicam a necessidade de maior integração entre propósito, governança, propriedade e finanças para o avanço em direção a abordagens alinhadas à Economia Donut e ao *Deep Design*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo analisar os relatórios *ESG* publicados em 2025 (referentes ao exercício de 2024) por empresas relevantes economicamente na Serra Gaúcha, à luz dos pilares da Economia Donut e do *Deep Design*. A análise documental de seis organizações (Randoncorp, Frasle Mobility, Grano Alimentos, Vinícola Salton, Tramontina e Unimed Serra Gaúcha) permitiu identificar diferentes níveis de integração entre fundamentos sociais, limites planetários e práticas empresariais. Os resultados indicam que as dimensões sociais e de governança estão mais consolidadas, enquanto a incorporação dos limites ecológicos e de mecanismos financeiros sustentáveis ainda é limitada. Observa-se um processo de transição de práticas voltadas à mitigação de impactos para abordagens que buscam equilibrar desempenho econômico, bem-estar social e responsabilidade ambiental.

Ademais, um exame comparativo das seis empresas analisadas revela diferentes estágios de maturidade regenerativa. As organizações Grano Alimentos, Frasle Mobility e Unimed Serra Gaúcha permanecem predominantemente no nível de mitigação, com foco em cumprimento normativo, eficiência operacional e iniciativas pontuais de redução de impactos. Randoncorp, Vinícola Salton e Tramontina apresentam indicadores que sugerem uma transição para a regeneração parcial, evidenciada por metas de descarbonização, uso ampliado de energia renovável, reaproveitamento de resíduos e fortalecimento de redes colaborativas.

Importante destacar que nenhuma das empresas alcança o estágio de regeneração plena, caracterizado por impactos positivos nos sistemas socioecológicos, reinvestimento orientado à justiça distributiva e integração profunda

entre finanças, governança e limites planetários. Assim, o conjunto dos casos ilustra um movimento evolutivo ainda inicial, em que práticas regenerativas emergem, mas de forma fragmentada e sem consolidação sistêmica.

A principal contribuição da pesquisa está na aplicação prática do modelo da Economia Donut no contexto empresarial, articulado aos relatórios *ESG* e à metodologia do *Deep Design*. O estudo apresentou uma matriz analítica que relaciona fundamentos sociais, limites planetários e dimensões organizacionais, permitindo identificar padrões e lacunas nas práticas corporativas. Esse instrumento pode ser utilizado em análises futuras, oferecendo um método replicável para avaliar a coerência das estratégias empresariais com princípios de sustentabilidade regenerativa. O trabalho também contribui para aproximar o campo teórico da sustentabilidade das práticas corporativas, ao demonstrar a viabilidade de integrar abordagens econômicas alternativas à gestão empresarial.

Entre as limitações da pesquisa, destaca-se o uso exclusivo de fontes documentais, o que restringe a análise ao conteúdo disponibilizado pelas empresas. A ausência de triangulação metodológica, especialmente pela não realização de entrevistas ou outras formas de coleta de dados primários, limita a validação das informações e a compreensão aprofundada dos processos internos associados às práticas de sustentabilidade. Além disso, a falta de verificação externa dos dados também reduz a precisão na avaliação do impacto real das ações reportadas. Soma-se a isso o fato de que a Economia Donut constitui um campo conceitual emergente, ainda em fase de consolidação teórica e metodológica, caracterizado pela inexistência de métricas amplamente padronizadas para aplicação no nível organizacional. Essa condição reforça os desafios de operacionalização do modelo e impõe restrições à comparabilidade e à generalização dos resultados obtidos.

Para estudos futuros, recomenda-se ampliar o escopo da análise por meio de pesquisas de campo e dados primários que permitam validar as evidências apresentadas nos relatórios corporativos. Sugere-se também realizar investigações comparativas entre setores ou regiões e análises longitudinais que identifiquem a evolução das práticas empresariais em relação aos fundamentos da Economia Donut. Por fim, pesquisas futuras podem explorar a relação entre desempenho financeiro e resultados socioambientais em empresas que adotam princípios regenerativos, contribuindo para o avanço do conhecimento sobre a aplicação prática de modelos econômicos sustentáveis e integrados à realidade empresarial.

REFERÊNCIAS

- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006.
- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DALY, H. *Beyond Growth: The Economics of Sustainable Development*. Boston: Beacon Press, 2011.
- DONUT BRASIL. *O que é a Economia Donut?* [2025]. Disponível em: <https://donutbrasil.org/economia-donut>. Acesso em: 10 set. 2025.
- DOUGHNUT ECONOMICS ACTION LAB (DEAL). *Doughnut Design for Business*. Oxford: DEAL, 2022. Disponível em: <https://doughnuteconomics.org/about-doughnut-economics>. Acesso em: 13 set. 2025.
- DOUGHNUT ECONOMICS ACTION LAB (DEAL). *Presenting Doughnut Economics to Businesses – Slides*. Oxford: DEAL, [s.d.]. Disponível em: <https://doughnuteconomics.org/tools/presenting-doughnut-econ-to-businesses-slides>. Acesso em: 13 set. 2025.
- FERREIRA-SCHENK, S.; DASOO, M. Systematic literature review on financial performance as one of the main drivers towards sustainable investment. *RISUS – Journal on Innovation and Sustainability*, v. 15, n. 2, p. 96-112, 2024. DOI: <https://doi.org/10.23925/2179-3565.2024v15i2p96-112>.
- FRASLE MOBILITY. *Relatório de Sustentabilidade 2024*. Disponível em: <https://www.fraslemobility.com/storage/rs-2024-frasle-vfinal-2-1-c79c7c68.pdf>. Acesso em: 13 set. 2025.
- GRANO ALIMENTOS. *Relatório de Sustentabilidade 2024*. Disponível em: <https://grano.com.br/sustentabilidade/>. Acesso em: 13 set. 2025.
- HÖHNE, N.; ELLIOTT, C. The practical application of the Doughnut Economics framework in cities. *Journal of Cleaner Production*, v. 412, p. 136242, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2023.136242>.
- MUSTAFFA, A. H. et al. A meta-analysis of ESG disclosure and listed companies' financial performance. *European Proceedings of Social and Behavioural Sciences*, v. 131, p. 655–669, 2023. DOI: <https://doi.org/10.15405/epsbs.2023.11.56>
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Transformando o nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Nova Iorque: ONU, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 10 nov. 2025.

- RANDONCORP. *Relatório de Sustentabilidade 2024*. Disponível em: https://www.randoncorp.com/media/3163/rs_2024_randon_vfinal_3-2.pdf. Acesso em: 13 set. 2025.
- RAWORTH, K. *Doughnut Economics: Seven Ways to Think Like a 21st-Century Economist*. London: Random House, 2017.
- ROCKSTRÖM, J. et al. A safe operating space for humanity. *Nature*, v. 461, p. 472–475, 2009.
- ROMEIRO, A. R. *Economia e Sustentabilidade*. São Paulo: Editora Senac, 2012.
- SAHAN, E. et al. Regenerative business: redesigning work, finance and governance for wellbeing. *Sustainability*, v. 14, n. 6, p. 3499–3515, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/su14063499>.
- SALTON. *Relatório de Sustentabilidade 2024*. Disponível em: <https://www.salton.com.br/downloads/relatorio-de-sustentabilidade-2024.pdf>. Acesso em: 13 set. 2025.
- SANTOS, R. A.; LIMA, P. C. Economia Donut: perspectivas para o desenvolvimento sustentável. *Revista de Economia e Sociedade*, v. 30, n. 2, p. 321–338, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-0618.0030.2.321>.
- TRAMONTINA. *Relatório de Sustentabilidade 2024*. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/prd-assets-portal.tramontina.com/Relatorio_de_Sustentabilidade_2024_a89367f77d.pdf. Acesso em: 13 set. 2025.
- UNIMED SERRA GAÚCHA. *Relatório de Sustentabilidade 2024*. Disponível em: <https://www.unimederragaucha.com.br/pagina/relatorio-de-sustentabilidade>. Acesso em: 13 set. 2025.
- UNITED NATIONS FRAMEWORK CONVENTION ON CLIMATE CHANGE (UNFCCC). *COP30: Brazil 2025*. Bonn: UNFCCC, 2024. Disponível em: <https://unfccc.int>. Acesso em: 10 set. 2025.
- YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.